



A PENAS

UM

DIA

GAYLE FORMAN

autora de *Se eu ficar*

Título original: *Just One Day*
Copyright © 2013 por Gayle Forman
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Trechos de *Como gostais*: tradução de Beatriz Viégas-Faria (L&PM, 2009).

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Mariana Serpa
preparo de originais: Rayssa Galvão
revisão: Luíza Côrtes e Pedro Staite
diagramação: Valéria Teixeira
ideograma da p. 75: cortesia Shutterstock
capa: Elisabeth Vold Bjone
adaptação de capa: Gustavo Cardozo e Miriam Lerner | Equatorium Design
imagens de capa: Shutterstock / danm12,
Bocman1973, amenic181
impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F82a

Forman, Gayle, 1970-
Apenas um dia / Gayle Forman ; [tradução Mariana Serpa]. - 1. ed.
- São Paulo : Arqueiro, 2021.
320 p. ; 23 cm.

Tradução de : Just one day
ISBN 978-85-306-0162-1

1. Ficção americana. I. Serpa, Mariana. II. Título.

20-67443

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Tamar: irmã, amiga, companheira
de viagem – e que, por um acaso do destino,
foi lá e se casou com o holandês dela*

UM LOUCO IMPULSO



Ele olha para mim, e sou tomada por uma onda de empolgação. Vou mesmo fazer isso?

– E aí, Lulu? O que acha? Que tal um bate e volta até Paris?

Seria uma loucura. Eu nem conheço esse cara, e meus pais podem descobrir tudo. Sem falar que não dá para conhecer Paris direito em um dia só. Fato é que essa história tem tudo para ser um desastre, eu sei disso. Mas nada tira minha vontade de ir.

Então, desta vez, no lugar de dizer não, vou tentar algo diferente.

Eu digo sim.

“O mundo é um palco,
Os homens e as mulheres, meros artistas
Que entram nele e saem;
Muitos papéis cada um tem no seu tempo...”

Como gostais, WILLIAM SHAKESPEARE

PARTE UM

Um dia

Um



AGOSTO

*Stratford-upon-Avon,
Inglaterra*

E se Shakespeare tiver entendido tudo errado?

Ser ou não ser: eis a questão é a frase mais famosa de *Hamlet*, talvez até de toda a obra de Shakespeare. No segundo ano tive que decorar a fala inteira para uma aula de inglês e até hoje sei de cor. Na época, não refleti muito a respeito. Só queria repetir as palavras direito para tirar a nota máxima. Mas e se Shakespeare – e Hamlet – tiver feito a pergunta errada? E se a verdadeira questão não fosse sobre ser ou não ser, mas sobre *como* ser?

Bem, o fato é que eu não sei se teria feito essa pergunta a mim mesma – *como* ser – se não fosse por *Hamlet*. Talvez eu tivesse continuado a ser a mesma Allyson Healey de sempre, fazendo o que tinha que fazer – nesse caso, assistir a *Hamlet*.

– Meu Deus, que calor. Eu achava que a Inglaterra nunca ficava tão quente assim. – Minha amiga Melanie prende o cabelo loiro em um coque alto e abana a nuca suada. – Enfim... que horas vão abrir as portas?

Olho para a Sra. Foley, que Melanie e quase todo o restante do grupo apelidaram secretamente de Nossa Líder Destemida. Ela conversa com Todd, um dos estudantes de história que ajudam a guiar o grupo, sem dúvida repreendendo-o por algum motivo. De acordo com o folheto

Jovens Viajantes! – *Viva delírios culturais* que meus pais me entregaram assim que me formei na escola, dois meses atrás, universitários como Todd eram chamados de “consultores históricos” e tinham a função de contribuir para o “valor educacional” do tal programa da Jovens Viajantes. Até agora, porém, Todd contribuíra muito mais para nossas ressacas, levando o grupo para beber quase todas as noites. Tenho certeza de que esta noite o pessoal vai perder a linha. Afinal de contas, é a nossa última parada: Stratford-upon-Avon, uma cidade supercultural! E, no caso, “cultura” pode ser traduzido como uma quantidade absurda de bares com nomes inspirados em Shakespeare e frequentados por jovens ostentando tênis brancos chamativos.

A própria Sra. Foley exhibe tênis brancos como a neve, além de calça jeans justa e camiseta polo com a estampa da Jovens Viajantes. Às vezes, quando o restante do grupo está fora para curtir a noite, ela vem comentar comigo que está pensando em ligar para o escritório central e reclamar de Todd. Mas parece que nunca reclama. Acho que é porque ele sempre flerta um pouco para se esquivar das broncas. Até com a Sra. Foley – quer dizer, principalmente com a Sra. Foley.

– Acho que começa às sete – respondo a Melanie. Olho meu relógio de ouro maciço, outro presente de formatura, com os dizeres INDO LONGE gravados na parte de trás. Sinto seu peso em meu punho suado.
– São seis e meia.

– Nossa, esses ingleses adoram ficar em fila. São tão organizados... Deviam aprender com os italianos, que estariam se amontoando na frente da porta. Ou talvez os italianos devessem aprender com os ingleses... – Melanie ajeita a minissaia, ou *saia bandage*, como ela chama, e a cropped. – Meu Deus, que saudade de Roma. Parece que faz um ano.

Roma? Fazia o quê... seis dias? Ou dezesseis? A Europa inteira se transformara em uma grande confusão de aeroportos, ônibus, prédios antigos e almoços executivos de frango com molhos variados. Confesso que fiquei meio relutante quando meus pais me ofereceram essa viagem como um superpresente de formatura, mas minha mãe garantiu que tinha pesquisado bem. A Jovens Viajantes era uma empresa muito conceituada, famosa pelo viés educacional das excursões e pelo extremo

cuidado com seus clientes. Eu seria muito bem tratada. Meus pais tinham prometido que eu não seria largada sozinha. E, claro, eu ainda teria a companhia de Melanie.

Meus pais estavam certos. Sei que o pessoal não gosta do olhar atento da Sra. Foley, mas fico feliz de vê-la sempre conferindo se está faltando alguém e até censurando os passeios noturnos aos bares, embora a maioria de nós já tenha idade para beber, de acordo com a lei europeia. Não que alguém aqui siga esse tipo de lei.

Não vou aos bares. Em geral volto para o quarto de hotel que divido com Melanie e fico vendo TV. Quase sempre está passando algum filme do tipo que nós duas gostávamos de ver em casa, enchendo a pança de pipoca no meu quarto ou no dela.

– Estou derretendo – resmunga minha amiga. – Parece até que é meio-dia!

Olho para cima. O sol ainda está alto, e as nuvens deslizam pelo céu. Gosto de observá-las avançando rápido pelo azul, sem nenhum obstáculo. Só de olhar para o céu é possível perceber que a Inglaterra é uma ilha.

– Pelo menos não está chovendo, que nem quando a gente chegou.

– Você tem algum prendedor de cabelo? – pergunta Melanie. – Não, claro que não... E aposto que neste momento está amando esse seu corte mais do que nunca.

Levo a mão à nuca; ainda não me acostumei com o fato de ela estar tão exposta. A excursão da Jovens Viajantes tinha começado em Londres. Logo na segunda tarde, tivemos umas horas livres para compras – acho que conta como passeio cultural. Foi aí que Melanie me convenceu a cortar o cabelo. Tudo parte do plano de nos reinventarmos para a faculdade, que ela tinha me explicado durante o voo. “Ninguém lá vai saber que éramos do grupo dos nerds, e na faculdade todo mundo é inteligente. E nós duas somos bem bonitas, vamos poder ser do grupo inteligente e descolado. Agora uma coisa não vai mais excluir a outra.”

Para Melanie, a tal reinvenção significou encher o armário de roupas curtíssimas, o que lhe custara metade da mesada, e ser chamada de Mel – que eu nunca me lembro de usar, mesmo ela me chutando por baixo

da mesa. A minha reinvenção foi o corte de cabelo que ela me convenceu a fazer.

Surtei quando me olhei no espelho. Uso o cabelo comprido e sem franja desde sempre, e a garota de frente para mim no espelho do salão não se parecia nada comigo. Estávamos viajando havia apenas dois dias, mas, naquele momento, senti um aperto no coração de tanta saudade de casa. Desejei estar no meu quarto, na minha cama, com minhas paredes cor de pêssego e minha coleção de relógios antigos. Fiquei me perguntando como sobreviveria à faculdade se não conseguia aguentar nem um corte de cabelo.

Acabei me acostumando com o novo visual, e a saudade de casa tinha diminuído – e, mesmo que não tivesse, a viagem está acabando. Amanhã, o grupo quase todo pegará um ônibus até o aeroporto, de onde vai voar de volta para casa. Melanie e eu vamos embarcar em um trem para Londres, onde passaremos três dias com a prima dela. Melanie está querendo voltar ao salão para fazer uma mecha rosa, e já combinamos de ver o musical *Let It Be* no West End. Voltaremos para casa no domingo, e logo depois começam as aulas na faculdade. Vou para uma perto de Boston, e a de Melanie fica em Nova York.

– Libertem Shakespeare!

Ergo os olhos. Um grupo de mais ou menos dez pessoas percorre a fila de cima a baixo, entregando folhetos em várias cores neon. Percebo na hora que não são americanos – ninguém está de tênis brancos nem calça cargo. São todos muito altos e magros, com um aspecto meio diferente... como se até a estrutura óssea fosse estrangeira.

– Opa, eu quero um folheto!

Melanie usa o papel para abanar a nuca.

– O que diz aí? – pergunto, examinando o grupo.

Ali, na turística Stratford-upon-Avon, eles se destacam como papoulas laranja em um campo verde.

Melanie examina o folheto, franzindo o cenho.

– Teatro de Guerrilha?

Uma garota com mechas rosa do jeito que Melanie queria se aproxima de nós, explicando:

– É Shakespeare para as massas.

Leio o folheto. *Teatro de Guerrilha. Shakespeare sem Fronteiras. Shakespeare Livre. Shakespeare de Graça. Shakespeare para Todos.*

– Shakespeare de graça? – questiona Melanie.

– Pois é – responde a moça do cabelo rosa, em um inglês com sotaque carregado. – Sem lucros. Como Shakespeare queria que fosse.

– Você acha que ele não queria vender ingressos e ganhar dinheiro com as peças?

Não estou tentando bancar a espertinha, mas lembro muito bem que naquele filme, *Shakespeare apaixonado*, ele sempre tentava dar um jeito de ganhar dinheiro.

A garota revira os olhos, e baixo a cabeça me sentindo meio boba. Uma sombra recai sobre mim, bloqueando um pouco o brilho do sol. Ouço uma risada e olho para cima. Não consigo enxergar a pessoa porque ela está envolta em sombras, uma claridade reluzindo atrás dela. Mas consigo ouvi-la.

– Acho que ela tem razão – comenta uma voz masculina. – Ser um artista morto de fome não é tão romântico assim quando você começa a sentir fome de verdade.

Pisco um pouco, tentando ajustar a visão à luz, então vejo que é um rapaz magro e alto, uns 30 centímetros a mais que eu. Cem tons de loiro reluzem em seu cabelo, e os olhos são quase pretos de tão castanhos. Tenho que levantar bastante o rosto para encará-lo – e ele está abaixando a cabeça para olhar para mim.

– Mas Shakespeare está morto, não tem como receber direitos autorais do além. E nós... nós estamos vivos. – Ele abre bem os braços, como se para abraçar o universo. – O que vocês vieram assistir?

– *Hamlet* – respondo.

– Ah, *Hamlet*. – Seu sotaque é quase imperceptível. – Acho que uma noite como esta não deveria ser desperdiçada com uma tragédia. – Ele fica me olhando, como se estivesse esperando uma resposta minha, e então sorri. – Nem dentro de um teatro. Nós vamos encenar *Noite de reis*. Ao ar livre.

Ele me entrega um folheto.

– A gente vai *pensar* no assunto – responde Melanie, tímida.

O rapaz ergue um dos ombros ao mesmo tempo que inclina a cabeça, quase tocando a escápula, em uma expressão que diz “é uma pena”.

– Como preferirem – fala ele, só que olhando para mim.

Então se afasta e vai se juntar ao restante da trupe.

Melanie os observa enquanto vão embora.

– Nossa, eles podiam trabalhar na Jovens Viajantes, né? Eu adoraria conhecer melhor essa cultura.

Fico observando o grupo, sentindo um estranho ímpeto nascer dentro de mim.

– Sabe, e eu já vi *Hamlet*...

Melanie me encara, erguendo as sobrancelhas desenhadas em linhas finas demais.

– Eu também. Vi na TV, mas ainda assim...

– A gente podia... assistir a essa outra peça. Tipo, seria diferente. Uma experiência cultural. Foi para isso que nossos pais pagaram essa excursão.

Melanie ri.

– Olha ela, toda rebelde! Mas e Nossa Líder Destemida? Ela já está se preparando para conferir se estão todos aqui.

– Bem, é que você está tão incomodada com o calor...

Melanie me observa por alguns segundos, então entende. Ela umedece os lábios, abre um sorriso e revira os olhos.

– Ai, sim. Acho até que estou com insolação. – Ela se vira para Paula, do Maine, concentrada na leitura de um guia de viagem. – Paula, estou muito tonta.

– Está quente demais – comenta Paula, compadecida. – Seria bom você se hidratar.

– Acho que vou desmaiar, sei lá. Estou vendo uns pontinhos pretos.

– Também não precisa exagerar, né? – sussurro.

– Precisamos de um bom álibi – responde Melanie, também aos sussurros, curtindo a encenação. – Ai, acho que vou desmaiar!

– Sra. Foley! – chamo.

Nossa guia, que ticava os nomes na lista de chamada, ergue a cabeça. Ela se aproxima, mostrando-se tão preocupada que me sinto meio mal pela mentira.

– Acho que a Melanie... quer dizer, a Mel, está com insolação.

– Puxa, coitada! Mas já vamos entrar, e é bem mais agradável e fresco dentro do teatro.

A Sra. Foley fala de um jeito diferente, um sotaque britânico misturado com o do Meio-Oeste americano. Todo mundo debocha, diz que é forçado... Eu acho que é só porque ela é do Michigan, mas passa tempo demais na Europa.

– Acho que vou vomitar – completa Melanie, mantendo a encenação.

– Eu odiaria ter que fazer isso dentro do Teatro Swan.

A Sra. Foley faz uma cara de desgosto, mas não sei se é porque imaginou Melanie botando tudo para fora no meio do Swan ou se foi por ter ouvido a palavra *vomitar* tão perto da Royal Shakespeare Company.

– Ah, querida... É melhor eu levar você de volta para o hotel.

– Pode deixar que eu levo – me ofereço.

– Sério? Ah, não! Não seria justo. Você tem que ver *Hamlet*.

– Imagina, não tem problema. Pode deixar que eu levo.

– Não! É minha responsabilidade. Não posso largar esse fardo em cima de você.

Consgo ver em seu rosto tenso a batalha interna entre a vontade de assistir à peça e a necessidade de cumprir seus deveres de líder.

– Tudo bem, Sra. Foley. Eu já vi *Hamlet* e o hotel fica logo ali, do outro lado da praça.

– Sério? Ah, que gentileza a sua. Acredita que, mesmo guiando esses passeios há anos, eu nunca vi uma montagem da RSC para *Hamlet*?

Melanie solta um gemidinho, para dar o tom dramático. Dou uma cotovelada sutil nela e abro um sorriso para a Sra. Foley.

– Bom, então a senhora não pode perder de jeito nenhum!

Ela assente com seriedade, como se estivéssemos discutindo um assunto importante como a ordem de sucessão ao trono ou coisa do tipo. Então, pega a minha mão.

– Tem sido um prazer enorme viajar com você, Allyson. Vou sentir

sua falta. Eu queria que mais jovens fossem assim... Você é uma... – Ela faz uma pausa, buscando a palavra certa. – Uma boa menina.

– Obrigada – respondo no automático.

Mas aquele elogio me deixa com um vazio no peito. Não sei se é porque ela disse algo muito legal a meu respeito ou se é porque não estou sendo tão boa assim.

– Boa menina o cacete – diz Melanie aos risos, quando saímos da fila e ela já pode parar com a encenação.

– Para com isso. Não gosto de mentir assim.

– Ah, mas você é muito boa nisso! Uma atriz promissora, se quer saber minha opinião.

– Não quero. Então, onde é esse lugar? – Eu olho o folheto. – Bacia do Canal? O que é isso?

Melanie pega o celular – que, ao contrário do meu, funciona na Europa – e abre o aplicativo de mapas.

– Parece ser a bacia de um canal.

Alguns minutos depois, chegamos a uma orla tão apinhada de gente que parece até Carnaval. Barcas atracadas vendem de tudo, de sorvete a pinturas, mas não vejo teatro algum. Nem palco, cadeiras ou atores. Examino o folheto outra vez.

– Será que é na ponte? – pergunta Melanie.

Fazemos o caminho de volta por uma ponte medieval arqueada, mas vemos apenas mais do mesmo: turistas como nós aproveitando a cidade sob o calor da noite.

– Eles disseram que seria hoje à noite mesmo? – pergunta Melanie.

Lembro-me do tal cara de olhos muito escuros dizendo “uma noite como *esta* não deveria ser desperdiçada com uma tragédia”, mas, olhando em volta, me parece óbvio que não haverá peça nenhuma ali. Só pode ter sido uma pegadinha que fazem com turistas desavisados.

– Vamos tomar um sorvete, para não dizer que não fizemos nada – sugiro.

Na fila da sorveteria, ouvimos uma melodia de violões acústicos e o eco de batidas de bongô. Apuro os ouvidos, subo em um banco próximo e olho em volta. Nenhum palco brotou em um passe de

mágica, mas uma multidão acabou de se materializar sob algumas árvores.

– Acho que está começando – digo, pegando a mão de Melanie.

– Mas e o sorvete?

– Depois! – retruco, puxando-a em direção à multidão.

– *Se a música é o alimento do amor, não parem de tocar.*

O sujeito no papel do duque Orsino não se parece nada com nenhum ator de Shakespeare que eu já tenha visto, exceto talvez a versão de *Romeu e Julieta* com Leonardo DiCaprio. Ele é alto, negro, usa dreadlocks e está vestido feito um astro de *glam rock*: calças justíssimas de vinil, sapatos de bico fino e uma camiseta regata de tela que deixa à mostra o peitoral musculoso.

– Nossa, essa *foi mesmo* a escolha certa – sussurra Melanie em meu ouvido.

Sinto um arrepio percorrer a espinha enquanto Orsino entoa o solilóquio de abertura, ao som dos violões e bongôs.

Assistimos ao primeiro ato, seguindo os atores pela orla. Andamos junto com eles, como se fôssemos *parte* da peça, e deve ser isso que faz toda a diferença. Já assisti a outras peças de Shakespeare no teatro da escola ou no Philadelphia Shakespeare Theatre, mas sempre fiquei com a sensação de que a peça tinha sido encenada em uma língua desconhecida. Sempre precisei me esforçar para prestar atenção, e volta e meia me pegava lendo e relendo o programa sem parar, como se aquelas poucas linhas pudessem me ajudar a entender melhor o que estava acontecendo.

Mas, desta vez, tenho um estalo. Parece que meus ouvidos sintonizaram aquele estranho idioma, e sou completamente tragada pela história. Consigo *senti-la*, como acontece quando assisto a um filme. Vendo Orsino cobiçar a fria Olivia, sinto o mesmo frio na barriga que experimentei todas as vezes que me apaixonei por caras que nem sequer notavam minha existência. Quando Viola lamenta a morte do irmão, sinto sua solidão. Quando ela se apaixona por Orsino, que a enxerga como homem, acho ao mesmo tempo engraçado e comovente.

Ele só aparece no segundo ato. Está no papel de Sebastian, irmão gêmeo de Viola, que tinha sido dado como morto – o que inclusive condiz

com a realidade, porque eu já estava começando a acreditar que o cara nem existia, que tinha sido fruto da minha imaginação.

Ele corre pelo gramado, seguido pelo leal Antonio, e nós vamos atrás. Dali a pouco, crio coragem para pedir a Melanie:

– Vamos mais para perto.

Ela segura minha mão. Chegamos lá na frente bem na hora em que Feste, serviçal de Olivia, se aproxima de Sebastian. Os dois discutem, e Sebastian manda o homem embora. Um instante antes disso, por não mais que meio segundo, nossos olhares parecem se cruzar.

O dia quente vai dando lugar à noite branda. Cada vez mais imersa no ilusório mundo de Ilíria, fico com a sensação de que adentrei um estranho espaço alienígena onde tudo pode acontecer, onde as pessoas podem mudar de identidade como trocam de sapato, os mortos voltam à vida e todos são felizes para sempre. Admito que isso é meio cafona, mas a brisa está muito agradável, as árvores estão frondosas, os grilos cricrilam e, pela primeira vez na vida, é como se todas as possibilidades se abrissem para mim.

A peça termina cedo demais para o meu gosto. Sebastian e Viola se reencontram. Viola revela a Orsino que na verdade é mulher, e Orsino, claro, quer se casar com ela. E Olivia percebe que Sebastian não é a pessoa com quem pensava ter se casado, mas não liga: ama-o mesmo assim. Feste entoa o solilóquio final, e os músicos voltam a tocar. Os atores começam a se curvar em mesuras, cada um fazendo uma firula boba: um dá uma cambalhota, outro finge tocar guitarra... Quando chega a vez de Sebastian, ele examina a plateia e para bem na minha frente. Abrindo aquele meio sorriso engraçado, tira do bolso uma moeda cenográfica e a atira para mim. Está escuro e a moeda é pequena, mas consigo pegá-la – o público aplaude, e parece que aquelas palmas são para mim também.

Com a moeda na mão, também bato palmas, até as mãos doerem. Aplaudo como se isso tivesse o poder de prolongar a noite, de transformar a *Noite de reis* em uma noite eterna. Aplaudo porque sei o que vai acontecer quando eu parar – é o mesmo que acontece quando termino de ver um filme muito bom, desses ao qual me entrego completamente: serei lançada de volta à realidade, com um vazio enorme no peito. Tem uns

filmes que eu vejo milhares de vezes só para reviver aquela sensação de fazer parte de algo real, o que eu sei que não faz o menor sentido.

Mas não tem como assistir de novo à peça de hoje à noite. A plateia começa a se dispersar, os atores vão indo embora. Da trupe, sobram apenas dois músicos, que vão passando o chapéu para coletar contribuições. Abro a carteira e pego uma nota de 10 libras.

Melanie e eu ficamos lá, em silêncio.

– Uau – reage ela, depois de um tempo.

– Pois é. Uau.

– Foi incrível. E olha que eu odeio Shakespeare.

Concordo com a cabeça.

– E foi impressão minha, ou aquele gato que falou com a gente na fila, o que interpretou o Sebastian, não tirou os olhos da gente?

Da gente? Mas ele jogou a moeda para *mim!* Ou será que só calhou de eu conseguir pegá-la? Será que o alvo de seus olhares era Melanie, com aqueles cabelos loiros e a blusinha regata? A Mel 2.0, como ela se intitula, é muito mais interessante que a Allyson 1.0.

– Não sei.

– E ele ainda jogou aquela moeda para nós! Aliás, bela recepção, a sua. Podíamos ir atrás deles, o que acha? Para beber, ou coisa assim.

– Mas eles já foram.

– Já, mas esses dois ainda estão aqui. – Ela aponta para os músicos passando o chapéu. – Podemos perguntar aonde o elenco costuma ir.

Balanço a cabeça.

– Duvido que eles vão querer sair com duas adolescentes americanas bobonas.

– Não somos bobonas, e a maioria dos atores não parecia muito mais velha que nós.

– É melhor voltarmos logo para o hotel. Sem falar que daqui a pouco a Sra. Foley deve passar lá no quarto para ver como estamos.

– Por que você sempre faz isso? – indaga Melanie, revirando os olhos.

– Faça o quê?

– Você diz não para tudo. Parece que tem alergia a aventura.

– Ei, eu não digo não para tudo.

– Para nove em cada dez coisas. Nós vamos para a faculdade. Temos que viver um pouco.

– Eu já vivo bastante. E esse meu jeito nunca tinha incomodado você antes, né?

Melanie e eu somos melhores amigas desde que ela se mudou para duas casas depois da minha, no verão antes do segundo ano. Desde então, não nos desgradamos mais: perdemos os dentes de leite na mesma época, menstruamos em períodos parecidos e arrumamos namorados mais ou menos ao mesmo tempo. Comecei a ficar com Evan poucas semanas depois de Melanie começar a sair com Alex (os dois também eram melhores amigos); ela e Alex terminaram em janeiro, mas eu e Evan resistimos até abril.

Passávamos tanto tempo juntas que praticamente criamos um idioma secreto, de tantos olhares e piadas internas. Brigávamos bastante, claro. Nós duas somos filhas únicas, então às vezes agimos feito irmãs. Até quebramos um abajur durante uma briga, mas nunca foi do jeito que é hoje em dia. Na verdade, eu nem sei muito bem que jeito é esse, só sei que, desde o início da excursão, estar com Melanie é como estar perdendo uma corrida da qual eu nem sabia que estava participando.

– Eu vim aqui hoje – retruquei baixinho, na defensiva. – Menti para a Sra. Foley para a gente poder vir.

– Veio mesmo! E foi superdivertido! Então por que não continuamos a aventura?

Faço que não com a cabeça.

Ela remexe na bolsa, pega o celular e lê as mensagens de texto.

– *Hamlet* também acabou de acabar. O Craig falou que o Todd levou o pessoal para um pub chamado Dirty Duck. Gostei do nome. Vamos, vai ser ótimo!

Eu já tinha ido a um bar com Melanie e o pessoal da excursão, isso logo na primeira semana. Àquela altura eles só tinham saído umas duas vezes. E, por mais que Melanie só conhecesse o pessoal havia uma semana – o mesmo tempo que eu –, ela já compartilhava um monte de piadas internas com todos e fazia brincadeiras que eu não entendia. Fiquei sentada com aquele monte de gente, segurando meu copinho de bebida,

me sentindo uma criança excluída que tinha mudado de escola no meio do ano.

Confiro o relógio, que deslizou pelo braço. Ajeito-o de volta no lugar, escondendo a marca de nascença vermelha em meu pulso.

– Já são quase onze horas, e amanhã a gente tem que acordar cedo para pegar o trem. Então, se não se importar, vou carregar para o quarto meu corpinho alérgico a aventura.

Quando estou com muita raiva, falo igualzinho à minha mãe.

– Beleza. Vou contigo até o hotel, daí de lá vou para o pub.

– E se a Sra. Foley passar no quarto?

Melanie dá uma risada.

– Você diz que o que eu tive foi insolação. E não está mais quente. – Ela sai andando, subindo a ladeira em direção à ponte. – O que foi? Está esperando alguma coisa?

Olho para baixo, em direção à água, às barcas agora vazias. Os lixeiros estão muito ocupados. O dia está acabando e o tempo não vai voltar.

– Não, não.

CONHEÇA OS LIVROS DA AUTORA

Eu estive aqui
O que há de estranho em mim
Eu perdi o rumo
Se eu ficar
Apenas um dia

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

